REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DAS INCERTEZAS E DA PRECARIZAÇÃO DO INGRESSO DOS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO

THEORETICAL REFLEXIONS ABOUT OF UNCERTAINTY AND PRECARIZATION FACED BY YOUNG WORKERS IN BRASILIA

Leides Barosso Azevedo Moura[1]
Bruno Azevedo Moura[2]

Resumo

Este trabalho é uma reflexão teórica que teve como objeto o relato das experiências de jovens brasilienses universitários em trabalhos profissionalizantes caracterizados pelo alto índice de precariedade. O artigo mostra a situação das juventudes contemporâneas sob o escopo de dimensões distintas relacionadas e considera as perspectivas teóricas ambivalentes que descrevem o mundo contemporâneo. Enfoca as ambiguidades que fertilizam a fase da juventude e discute as perspectivas dos jovens do mundo do trabalho a partir de uma concepção da reestruturação do trabalho que implica diversificação e pluralidade de categorias de trabalho. Discute que a combinação entre trabalho precário e trabalhador jovem e flexível fornece o meio ideal pelo qual o trabalho profissionalizante se torna uma opção econômica eficiente para instituições contratantes. Ademais, realça que o alto índice de incertezas e suas múltiplas fontes, que constituem um sistema de modalidades de incertezas, contribuem para a eficácia da relação entre trabalho profissionalizante precário e trabalhador jovem e flexível.

Palavras-chave: Modalidades de incerteza, Trabalhos precários, Juventudes.

1 Professora Adjunta do departamento de Enfermagem da Unb.
2 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Unb.

Abstract
This article presents a theoretical reflection that was produced as a result of a research about the perceptions of Brazilian interns related to the work they produce. It focuses on the life situations of contemporary youth, appealing to three different analytical dimensions. First off, it discusses about the ambivalent theoretical perspectives that describes the contemporary world. Subsequently, it aims to portray the ambiguities that manipulate the life phase of not being child nor adult, mostly by appealing to the development of recent social research about youth characteristics. Lastly, this article intends to discuss youth perspectives towards the world of work from new concepts such as the restructuring of work which specifically implies into the diversification and plurality of job categories and new forms of work. Discusses that the combination between precarious work and young flexible worker is ideal for working opportunities targeted for young people. Also, it highlights that the high levels of uncertainty, which contributes to a system of modalities of uncertainty, contributes with the efficient relationship between precarious working opportunities targeted for young people and young flexible workers.
Keywords: Modalities of uncertainty, Precarious work, .Youth.

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa que teve como objeto o relato das experiências de trabalho profissionalizante precário de jovens em um centro universitário de Brasília, Distrito Federal, nos anos de 2008 e 2009. Esta pesquisa procurou problematizar a categoria *trabalho profissionalizante* e aprofundar as discussões sobre a relação dinâmica entre juventude, trabalho e mundo contemporâneo, favorecendo a compreensão da relação entre trabalho

profissionalizante e trabalhador em um contexto de trabalho precário. Procurou relacionar a sociologia da juventude com a sociologia do trabalho contemporâneo, especialmente no que diz respeito às novas formas e significados de trabalho. Teve como objetivo geral construir um quadro da juventude contemporânea que se encontra tomada por situações de vida no mercado do trabalho em que a dúvida e a indecisão incidem como recurso principal no processo de tomada de decisão.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa utilizando técnica de entrevista em profundidade e contou com a participação de 18 jovens com idades entre 17 e 24 anos. Os resultados mostraram que o trabalho profissionalizante é definido como um trabalho precário pelas condições e direitos de trabalho oferecidos. Além disso, os resultados mostraram que os jovens trabalhadores encaram como núcleos fomentadores de incerteza: (1) incertezas erigidas pela lógica do mundo contemporâneo; (2) incertezas encaradas pela própria faixa-etária ou etapa de vida; e (3) incertezas produzidas pela esfera do trabalho contemporâneo.

Apesar dessas múltiplas fontes de incertezas introduzirem os jovens trabalhadores em situações de vulnerabilidade no processo de inserção ao mercado de trabalho, trata-se de um mecanismo sociopsicológico que tem sustentado a exploração e a perpetuação de trabalhos profissionalizantes precários. Em outras palavras, essas modalidades de incertezas enfrentadas pelos jovens no contexto de um trabalho profissionalizante têm contribuído para a eficácia da relação entre trabalho profissionalizante precário e trabalhador jovem e flexível. Nesse sentido, atribui-se a esse mecanismo gerador de incertezas o fato de os jovens se submeterem a trabalhos profissionalizantes precários.

Com isso, a presente reflexão permite introduzir o modo pelo qual essas incertezas são geradas, sobretudo levando em consideração três focos distintos em que aportes teóricos relatam

acerca da produção de incertezas no contexto: do mundo contemporâneo; do indivíduo que se encontra em uma fase específica de vida; e do indivíduo no mundo do trabalho. Assim, em primeiro lugar, o artigo se esforça em discutir acerca das perspectivas teóricas ambivalentes que descrevem o mundo contemporâneo. Em seguida, retrata as ambiguidades que manipulam a fase de não serem crianças e nem adultos, sobretudo, a partir de um enfoque do desenvolvimento das pesquisas sobre a juventude. Por fim, discute as perspectivas dos jovens do mundo do trabalho a partir de uma concepção da reestruturação do trabalho, que implica diversificação e pluralidade de categorias de trabalho e novas formas de trabalho.

1 Considerações Teóricas acerca do Mundo Contemporâneo

A intranquilidade é uma condição psicossocial específica que a época contemporânea proporciona. Há vários autores que escrevem sobre esse estado contemporâneo de instabilidade, desequilíbrio e liquidez. Os autores clássicos, Simmel, Durkheim e Weber, ao escreverem sobre as mudanças produzidas pela modernidade, já indicavam que a sociedade moderna trazia consigo tendências ameaçadoras para o bem-estar psíquico e social dos indivíduos (LYON, 1998). Vale ressaltar que as primeiras análises sociais emitiram notas de advertência e preocupação. Quer seja Marx, Durkeim, Weber ou Simmel, todos detectaram ameaças que poderiam trazer fortes desequilíbrios à sociedade. Marx encontrou capitalistas exploradores e trabalhadores alienados. Durkheim detectou sensações de ansiedade no que diz respeito à extremada especialização do trabalho e às novas divisões do trabalho. Weber temia que a burocratização pudesse servir como uma prisão de ferro, relegando a um plano inferior a autoconsciência de seus agentes. Já Simmel sentiu que a sociedade de estranhos produziria

novo isolamento e fragmentação social, com o indivíduo se tornando um estranho no meio de muitos.

Simmel (1972), levando em consideração a transição da sociedade rural para a sociedade urbana, estudou o urbanismo como uma organização racional peculiar da modernidade. Considerava que a metrópole tinha um efeito sobre a vida mental, uma vez que intensificava os estímulos nervosos dos indivíduos, acarretando o desenvolvimento da intelectualidade e da racionalização da vida social.

Com o processo de intelectualização do homem, Simmel (1972) observa que a mente moderna se tornou mais e mais calculista. Pontualidade, calculabilidade e exatidão se transformaram em sinônimos da vida urbana. Consequentemente, no espaço urbano, os relacionamentos se tornaram menos procurados e mais indiferentes, consolidando mais espaço ao desenvolvimento das individualidades. A impessoalidade se instalou nos relacionamentos urbanos, promovendo uma subjetividade altamente particular e, com isso, um estilo de vida descolado, desvinculado de obrigações sociais. Apesar de uma aparente contradição, Simmel (1972) produz uma proposição: as pessoas que conduzem suas vidas em espaços urbanos em nenhum lugar se sentem tão solitárias e perdidas quanto na multidão metropolitana. Nesse sentido, a vida metropolitana, enquanto protagoniza indivíduos marcados pela indiferença, passa a ser distinguida pelo seu caráter reservado e retraído – atitude *blasé*. O resultado disso, conforme explica Simmel (Idem), é o advento da individualidade como aspecto central da modernidade urbana e o isolamento humano.

Robert Castel (2005) preocupou-se com o resultado das conclusões de Simmel (1972), tomando como enfoque o trabalho e as perspectivas de um mundo em crise. A sociedade é vista como agente passivo dos novos desdobramentos sociais, políticos e econômicos, que geram problemas de integração social. Situações relativas à

precariedade, à vulnerabilidade, à insegurança e a processos de desfiliação se manifestam e, por conseguinte, transformam a realidade vista a partir do trabalho como centralidade da vida social. Para o autor, a nova questão social refere-se à crise da sociedade salarial e a incapacidade do trabalho atual de providenciar integração social.

Analisando o contexto, Castel (2005) identifica três manifestações principais sobre a problemática do emprego: o desemprego, a precarização do trabalho e a individualização. Menciona que a vulnerabilidade, que nascia do excesso de coerções, hoje, nasce por causa do enfraquecimento das proteções. Esse estado de abandono, produzido pela ausência de proteções e pela descaracterização dos direitos de segunda geração, pode resultar em um individualismo negativo. Distinto da concepção do individualismo moderno de Simmel, o individualismo negativo decorre de uma metamorfose que apresenta hoje a questão de ter que enfrentar vulnerabilidades pós-proteções, ou seja, a não garantia dos direitos fundamentais sociais e a perda de regulamentos coletivos. Em relação ao jovem, Castel(2005, p.603) afirma que ele "[...] é completamente individualizado e superposto pela falta de vínculos e de suportes em relação ao trabalho, à transmissão familiar, à possibilidade de construir um futuro" .

A falta de continuidade e a variabilidade parecem ser a condição do mundo contemporâneo. Os resultados fidedignos desse estado de vivência contemporizada, cercados por um emaranhado de incerteza e pessimismo, expressam-se nas divergências entre os fenômenos que os intelectuais perceberam ou têm percebido. O fato é que todos observam mudanças drásticas no cotidiano não previstas pelo projeto iluminista que resultou na modernidade.

Ulrich Beck (2000) também questiona o momento histórico contemporâneo. Enfatiza que a sociedade de trabalho está se tornando uma sociedade de riscos. A dimensão tradicional da sociedade de trabalho, com seus *life-long jobs*

(empregos que perduravam por toda a vida ativa do trabalhador), é suplantada por um mundo muito menos estável, marcado pela flexibilidade no trabalho – com remunerações mais baixas, mas com uma maior autonomia individual e controle –, pelo crescimento dos trabalhos informais e pela pluralização do trabalho.

Um elemento relevante em sua obra é sua perspectiva de um mundo contemporâneo enfrentando um rumo ainda incerto. A trajetória mundial calcada em processos contínuos e descontínuos de encontros e desencontros, mutações e transformações viciosas, leva a entender que mudanças sociais e econômicas na estrutura de uma sociedade ocorrem com frequência. Sua forma de pensar leva a subentender que o mundo está em um processo de transformação, e nele, as pessoas passarão a viver de formas diferentes. Em suma, supondo alguns possíveis desdobramentos, prevê que esse novo estilo de vida da segunda modernidade propiciará um estilo de vida semelhante ao daquele encarado pelas mulheres nas últimas décadas, que não envolve trabalhos permanentes de carreira, mas que, em contraposição, envolve combinações de trabalho de meio-período, contratos casuais, trabalho não remunerado e atividades voluntárias.

Bauman (2001) contextualiza o desenvolvimento psíquico e emocional da sociedade pela excessiva fragmentação e transitoriedade social. Propõe uma perspectiva da contemporaneidade que é, em muitas instâncias, semelhante à teoria de Castel (2005), pois constata a distância mais concreta entre Estado e indivíduo.

Bauman (1998) sugere que houve uma passagem da segurança à liberdade individual. Enquanto Freud (1969), consoante ao raciocínio crítico de Bauman, apostava no sofrimento e no mal-estar humano devido à falta de liberdade individual diante de uma estrutura opressora ou demasiadamente opressiva, Bauman, pelo contrário, explica que no mundo contemporâneo os mal-estares provêm do fato de haver considerável

liberdade individual, e que Freud esclarecia a realidade sociopsíquica como sendo limitada pelo excesso de segurança que a modernidade impunha. Explica ainda que, para Freud, havia um mecanismo social de controle elevado que restringia por sobremaneira os instintos humanos. Isso, segundo Freud (1969), transgredia a vida humana e impunha sobre ela uma considerável carga de sofrimento; um verdadeiro mal-estar devido ao excesso de regras e ordem.

Em uma análise mais contemporânea do que a de Freud, Bauman (1998) revela que, ao invés da segurança, é a liberdade que sobressai. Comenta que "[...] as mulheres e os homens pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade" (BAUMAN, 1998, p. 10). Enquanto o mal-estar da modernidade provinha de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade excessivamente restringida na busca de felicidade individual, o mal-estar da pós-modernidade provém de uma espécie de liberdade de procura por prazer, que tolera uma segurança individual limitada.

A intranquilidade da época é explorada por meio de outra perspectiva das ciências sociais que tende a enfatizar, com maior veemência, o peso das instituições sobre os indivíduos. Richard Sennett (2006) destaca o capitalismo flexível como o cerne da questão social. Ele constata que o mundo está sob a condição da flexibilidade universal, a qual penetra todos os aspectos da vida individual, inclusive as próprias dinâmicas das instituições. Ao causar ansiedade – pelo fato de pessoas não terem identificado quais caminhos irão seguir ou quais riscos estão suscetíveis a correr – e proporcionar maior grau de liberdade, na verdade, essa nova ordem impõe novos modelos de controles e, em resumo, coloca o conceito de liberdade em ameaça. Na maioria das vezes, não passa de um sistema de poder ilegível. Propõe estudar, então, esse novo desdobramento do capitalismo que, segundo suas pesquisas, desemboca em processos de desvinculação

social, haja vista que ataca, sobretudo, qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros.

Como apontado por vários teóricos contemporâneos e clássicos – a possibilidade de desvinculação social em Sennet (2006); as tendências ameaçadoras da modernidade nos clássicos da sociologia; as consequências do individualismo negativo em Castel (2005); a sociedade de risco em Beck (2000); o excesso de liberdade dos indivíduos em Bauman (1998) –, tudo indica que o contexto do mundo contemporâneo seja caracterizado por um estado de intranquilidade que, consequentemente, pode ser denominado como um reduto fomentador de incerteza.

2 Abordagens de Estudo Sobre Juventude

Os jovens são caracterizados pelo seu vigor, sua vivacidade, intensidade de atividades e projetos de vida. Encontram-se em um impasse no que diz respeito à necessidade de elaborarem definições para seus projetos de vida.

Para muitos teóricos, ser jovem é participar de um estado transitivo da vida, que leva o indivíduo da adolescência à etapa adulta da vida. Entende-se que essa concepção de juventude procede de perspectivas funcionalistas, que, aliás, é uma concepção corriqueira, difundida na noção social (ABRAMO, 1997). A abordagem funcionalista, ao constituir a concepção da juventude como categoria de análise, explica que essa fase conta com indivíduos em processo de transição de uma fase à outra. Por exemplo, alguns a definem como um *status* em que não são crianças e nem adultos. Outros enfatizam que esse período pode ser explicado pela definição de uma faixa etária. Todavia, o que a maioria atesta é o fato de serem apenas indivíduos e ainda não sujeitos.

Outras abordagens sociológicas ainda destacam os jovens pelos seus relacionamentos específicos com o tempo e pela capacidade que

eles têm de contestar e desafiar as variáveis dominantes de organização do tempo na sociedade (LECCARDI, 1997). Apesar das diferenças entre perspectivas científicas, é possível que a juventude seja uma categoria social que tem sido caracterizada pela certeza de viver, mas não pela certeza do que fazer. Isso ocorre, pois são indivíduos que se encontram em uma fase cuja trajetória de vida é marcada por um processo intenso de mudanças e novas responsabilidades.

Quando não têm certeza do que fazer, é bem possível que muitos decidem em virtude de decisões que não são assinaladas por eles mesmos. Sofrem de trajetórias de vidas que são previamente apontadas como rumos convenientes para prosseguir. No trabalho ou na escola ou em casa, são influenciados por esperanças e por promessas. A promessa de que uma renda estável lhes trará felicidade ou a promessa de que a educação de nível superior será mais importante numa perspectiva em longo prazo tornam-se fontes de decisões.

Essas decisões são constantemente pensadas e questionadas. Para determinadas classes sociais, às vezes, trata-se de uma oportunidade imperdível: outro trabalho profissionalizante, um emprego formal ou, ainda, a possibilidade de estudar no exterior ou em outra faculdade. Nesse sentido, os jovens estão constantemente atravessando grandes encruzilhadas, embrenhados em um emaranhado de oportunidades e opções que os cercam. Incerteza e ameaça os constrangem, mesmo contando com uma capacidade reflexiva inegável. Assim, suas etapas de vida são autênticas.

A partir disso, depreende-se, nos estudos com jovens, o cuidado que deve ser tomado quando se emprega o termo juventude, considerando o fato de que o fenômeno, sob o plano empírico-teórico, implica concepções multidimensionais e plurifacetadas.

A categoria sociológica juventude subentende pluralidade, domínio da heterogeneidade. O estudo da juventude considera

grupos diferentes, jovens em situações sociais diferentes, jovens com experiências de vidas assimétricas, com distintos níveis de educação, com crenças e valores marcados pela diversidade, com ambições e pretensões que variam descomedidamente. Ao invés de se falar em uma juventude marcada por um aspecto valorativo universal, conforme apresentado a partir da década de 1960, a multiplicidade do fenômeno em voga é destacada no mundo acadêmico. Posto isso, adota-se como premissa, no contexto de estudos científicos sobre a juventude contemporânea, que a pluralidade juvenil não é passível de ser submetida a um processo de homogeneização ou, ainda, singularização. Juventudes, nesse sentido, seria o termo científico mais adequado para compreender a comunidade juvenil contemporânea.

Em estudos sobre as juventudes, Raisa Ojala (2008) explica que a prudência e a precaução, ou seja, o cuidado do pesquisador, deve conter quaisquer tendências que levem a generalizações. . Estas tendem a ser perspectivas restritas ou parciais de um emaranhado de situações específicas que cercam os jovens contemporâneos. De forma semelhante, Heloisa Martins (2001) considera que estudos a respeito dos jovens derivados de séries estatísticas são inclinados à homogeneização e se mostram incapazes de perceber a diversidade que caracteriza as juventudes ou os modos de ser jovem.

Estudos mais recentes sobre a juventude constatam que a maneira pela qual os jovens constroem suas narrativas de vida é a cada dia um processo mais e mais fragmentado. Esses estudos tendem a indicar que os jovens contemporâneos são indivíduos polifônicos, produzidos a partir de sucessivos episódios de vivências; indivíduos em intensa projeção de vida, isto é, seres sociais em pleno processo de desenvolvimento muito incerto quanto ao futuro (PAIS, CAIRNS, PAPPÁMIKAIL, 2005; BECK, 2000; ABRAMO, 1997; PERALVA, 1997).

Outros estudos acerca da contemporaneidade podem ser aplicados ao fato

de abarcar uma noção sobre o que é ser jovem. Em relação às identidades e ao processo de construção de identidades no cotidiano, Bauman (2005) revela que nada na condição humana é dado de uma vez por todas; a modernidade transmite a noção de que, na medida em que tudo pode ser primeiramente feito, tudo também pode ser desfeito ou transformado prontamente. Bauman (2005) traduz esse postulado expondo que, a cada dia, a expectativa de vida das identidades simuladas é continuamente reduzida.

Considere-se que a expectativa de vida das identidades é baixa, uma vez que são internalizadas como parte de um *ethos* que responde à lógica do imediato e do instantâneo. Com isso, os indivíduos contemporâneos, especialmente os jovens, depositam suas esperanças em outras identidades, quer estejam prontas quer estejam incompletas.

Essa lógica de produção de identidades expressa os fundamentos e princípios da indústria cultural internalizada pelos indivíduos jovens. Essa indústria, que organiza os consumidores, tem por finalidade padronizá-los e sujeitá-los à potência da esfera econômica. Nesse contexto, encontram-se os jovens que têm seus projetos de vida limitados pela indústria cultural e pela fabricação de identidades que tem a vida do consumo como um fim em si mesma. Vale ressaltar que, se o consumo é um fim fornecido como estilo de vida aos indivíduos, torna-se não apenas uma fonte inesgotável de criação de mundo, mas também um mecanismo infalível de constante produção, reprodução e autosustentação.

Destarte, as biografias individuais dos jovens, com demasiada frequência, podem ser caracterizadas por histórias de identidades descartadas. A mudança obsessiva e compulsiva é especialmente enfatizada na produção dessas identidades.

Vale ressaltar que à medida que esse processo de renovação é encaminhado, contrária e consequentemente, superabunda um processo individual de incoerência e questionamento

com o próprio ser. O alto índice de versatilidade individual é capaz de gerar graves ameaças à constituição e desenvolvimento da dimensão psicossocial do indivíduo jovem, promovendo desequilíbrios intensos, descompassos com o próprio ser. Não obstante, ao procurar a emancipação, e desligar desse fluxo, os indivíduos jovens podem parar de ser jovens, uma vez que o processo decisório pode ficar emperrado pela falta de opções de trajetórias de vidas. Por isso, é importante ser flexível, dinâmico.

Diferentemente de estudos pós-modernos que relatam a pluralidade das juventudes, há estudos sobre jovens que uniformizam a juventude em torno de características formais ou materiais. Tem-se como exemplo desses estudos a pesquisa de Zaneti (2001), que teve como objetivo descobrir se havia uma atitude revolucionária latente na fase da juventude. Com a participação de mais de 2.082 entrevistados, Zaneti (2001) pesquisou sobre a juventude como força motora de processos transformadores e revolucionários, incitando que, talvez, a atitude revolucionária vinculada à juventude seja uma característica específica de uma faixa etária e não um fenômeno influenciado pelo *status* socioeconômico ou religioso.

Esses tipos de pesquisas revelam que há uma iniciativa à simplificação de uma categoria. Seja pela tendência de contar com uma potencialidade latente de cunho revolucionário ou pelo percurso de explicar a juventude por gerações, dando a essa categoria um ponto central de inferências, tudo isso corrobora para a construção de explicações incompletas e limitadas, tirando do fenômeno sua riqueza e sua complexidade.

Em outra perspectiva sociológica, evidencia-se que juventude sempre foi sinônimo de rebeldia, revolta e quebra de paradigmas. Tanto a juventude dos anos 60 quanto a juventude dos anos 80 e a juventude contemporânea sofreram com essas expectativas societárias. Essa concepção homogênea da juventude, no pensamento cotidiano, descreve o período denominado

"juventude" como um problema social, como um objeto de disfunção ou anomia no processo de integração social. A continuidade social é colocada em xeque, constantemente, pelas pessoas devido a essa característica subversiva da juventude de quebrar ou romper com a tradição imposta, isto é, com os valores, crenças, normas e instituições vigentes. Além do mais, esse pensamento não está atrelado a abordagens funcionalistas, mas a visões abrangentes da sociedade que colocam a juventude como uma incógnita social. A juventude, segundo essa perspectiva, é uma espécie de agente que desencadeia pânico moral, que condensa os medos e as angústias relativos ao questionamento da ordem social. Nesse sentido, trata-se de uma categoria distinguida pela sua capacidade destrutiva, uma vez que é concebida como uma ameaça social.

A juventude dos anos 60 e dos anos 70, por exemplo, era marcada pela sua possibilidade de transformação profunda. Os acontecimentos do ano 1968 na França, os movimentos diversos contra a Guerra do Vietnã e as manifestações da juventude – movimentos estudantis, movimento *hippie*, os movimentos pacifistas, movimentos ecologistas, entre outros – demonstravam a atitude crítica com referência às ideologias estabelecidas e à ordem em vigor. Percebia-se um modelo oficial de juventude, distinguível pela capacidade transformadora e calcado em: idealismo; inovação; espírito rebelde criador de contracultura; e ideações utópicas. Na verdade, era uma juventude dotada da habilidade intrínseca de criticar. Esses jovens usufruíam de uma perspectiva crítica que, por conseguinte, colocava em dúvida a sociedade moderna e a razão como caminho do desenvolvimento humano (BEST e KELLNER, 1997).

Best e Kellner (1997) relatam que os protestos da Guerra do Vietnã, a tomada estudantil da Universidade de Colúmbia na primavera de 1968, entre outros eventos que levaram estudantes e trabalhadores às ruas, impeliram muitos a acreditarem na manifestação da revolução, que

uma ruptura com a sociedade e a cultura anterior estava de fato ocorrendo. Alguns acreditavam que a contracultura estava criando uma sociedade e uma cultura completamente nova, fundamentada em um novo arranjo de valores, sensibilidade, consciência, cultura e instituições.

À medida que a juventude das décadas de 1960 e de 1970 continha um espírito questionador e revolucionário, a juventude da década de 1980 se destacava pela sua inatividade na vida política ou em movimentos sociais de grande alcance. A juventude e os jovens dessa década, ao se contentarem em prover para si mesmos, foram rotulados e reconhecidos por algumas características e conceitos: apáticos, passivos, tolerantes, conformistas, indiferentes, indivíduos influenciados pelos índices altos de individualização, entre outros (BAUMAN, 2001; MELUCCI, 1997).

Consequentemente, tal juventude apareceu como patológica por causa do excesso de pragmatismo, falta de idealismo e precário compromisso político. De transformadora, passou a ser conhecida como conformista, pois não exerceu peso social sobre a coletividade na vida política. Tanto é verdade que o foco das pesquisas foi alterado, e a prerrogativa que era dada a vida política da juventude foi transferida para a questão da marginalidade da vida juvenil em estado de risco social (ABRAMO, 1997).

3 O Jovem e a Reestruturação do Trabalho

A própria tentativa de considerar os jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação, é uma ideia recente que ilustra a heterogeneidade no meio juvenil e a pluralidade de trabalhos juvenis. Recentes pesquisas que retratam a heterogeneidade no mundo juvenil são aquelas cujo foco é o jovem engajado no mercado de trabalho formal ou informal, jovens em subempregos, em empreitadas trabalhistas precárias e alternativas, tais como: estudos que discorrem sobre os jovens

trabalhadores nas indústrias; jovens em situação de risco; transgressão e delinquência etc. No entanto, apesar da escassez de produção científica na área, encontram-se alguns estudos sobre os jovens aprendizes, *trainees* e estagiários.

No âmbito dos temas da juventude contemporânea e da reestruturação do mercado de trabalho, é importante perceber a magnitude de trabalhos e empreitadas trabalhistas que são tipicamente destinadas aos jovens trabalhadores. Trata-se do surgimento de novos modelos de categorias trabalhistas especificamente destinadas à ocupação de pessoas jovens.

Nos processos de reestruturação da produção de capital, no final da década de 1970, germina o que célebres pensadores de múltiplas áreas do conhecimento chamaram de fenômenos da instabilidade, flexibilização, precariedade e insegurança. Diante do fenômeno mundial denominado globalização, a realidade social global é influenciada, sobretudo, por um divisor tecnológico que surgiu nos anos 70. A Revolução da Tecnologia da Informação, que pela sua abrangência em todas as instâncias da vida social foi considerada por muitos como uma nova etapa do capitalismo e denominada de Terceira Revolução Industrial, está transformando o modo de organizar-se em sociedade e influenciando múltiplos aspectos da vida social, como, por exemplo, o mundo do trabalho.

Pode-se afirmar que as mudanças impetradas pelo avanço técnico-científico possuem reciprocidade com os novos desenvolvimentos mundiais na esfera do trabalho. Constata-se que, a partir da década de 1980, houve mudanças drásticas na estrutura social de produção e consumo: aumento da informalidade e da flexibilização no mundo do trabalho; desregulamentação de vários setores da economia e das relações de trabalho; aumento do desemprego e do subemprego; aumento de trabalho em tempo parcial, em tempo limitado ou por empreitada, entre outras variáveis que demonstram a precarização da vida social. Ao mesmo tempo em que o modo de produção

modernizou-se, a estrutura do mundo de trabalho precisou se adequar às novas demandas impostas. Fruto disso foi a proliferação de novas categorias de emprego no mercado de trabalho, tais como: trabalhos parciais, contratos temporários, aprendizes, *trainees* e estagiários. Enquanto algumas categorias de trabalho surgiram pela primeira vez, outras, como o estágio, mantiveram a terminologia tradicional e foram readaptadas e reutilizadas a fim de atender outras exigências socioeconômicas.

Ricardo Antunes (2002) aponta evidências de uma subproletarização intensificada nas formas contemporâneas de trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado e terceirizado. Classificado por Antunes como uma subproletarização, essa reestruturação gera uma processualidade contraditória que, se de um lado reduz trabalhos de carreira – trabalho estável, *job for life* –, de outro lado, aumenta o trabalho precário, o trabalho flexível, o assalariamento no setor de prestação de serviços, a terceirização, a quantidade de subcontratados e o trabalho temporário. Na verdade, o que se estabelece é um processo de maior heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora ou da classe que vive do trabalho:

> Observa-se, no universo do mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo, uma múltipla processualidade: de um lado verificou-se uma desproletarização do trabalho industrial, fabril, nos países de capitalismo avançado, com maior ou menor repercussão em áreas industrializadas do Terceiro Mundo. Em outras palavras, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. Mas, paralelamente, efetivou-se uma expressiva expansão do trabalho assalariado, a partir da enorme ampliação do assalariamento no setor de serviços [...] vivencia-se também uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial,

> temporário, precário, subcontratado, terceirizado, que marca a sociedade dual no capitalismo avançado [...] pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços (ANTUNES, 2002, p. 49-50).

Em relação a esse desdobramento, essas diversas categorias têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração e a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas e leis em vigência. Consequentemente, a regressão dos direitos e garantias sociais e a ausência de proteção e expressão sindicais deterioraram ainda mais a situação do mundo do trabalho (ANTUNES, 2002).

Por conta dessas novas formas de precarização do mundo do trabalho, cria-se espaço legítimo para nova organização do trabalho motivada pela velocidade, produtividade, atividades variadas no trabalho, precariedade nos laços empregatícios de trabalho e na remuneração. Nessa reestruturação, ocorre um aumento drástico de categorias de trabalho, desembocando na proliferação de empregos que não oferecem estabilidade contratual e econômica, notadamente o trabalho temporário, terceirizações inadequadas e profissionais subcontratados. Ou seja, trata-se de trabalhos precários, que são empregos informais e que têm por características a má remuneração, a insegurança empregatícia, poucos benefícios, a falta de proteção legal e a falta de representação coletiva.

Diante dessa transformação da estrutura do mercado de trabalho, Heloísa Helena Martins aponta que: "[...] nestes tempos de economia globalizada, o que se tem observado é a constituição de um padrão segmentado do mercado de trabalho, com um núcleo cada vez

mais reduzido de trabalhadores qualificados, com emprego permanente, em tempo integral" (MARTINS, 1997, p. 97).

Sob a condição de que hoje a lógica de eficiência no mercado de trabalho é reduzir os número de trabalhadores especializados e empregar cada vez mais força de trabalho flexível, germina um novo tipo de trabalhador marcado pela capacidade de acostumar-se às circunstâncias. Trata-se de trabalhadores contemporâneos que se assemelham às condições dos jovens contemporâneos: seres polivalentes e flexíveis, os quais se encaixam em trabalhos precários.

Conclusões Preliminares

O mundo do trabalho é apenas uma das dimensões de um amplo espectro de transformações notáveis e radicais que são consequências da especificidade da época. As dúvidas e as intranquilidades da condição psicossocial específica que a época contemporânea proporciona podem estar produzindo jovens que têm sido marcados pela certeza de viver, mas não pela certeza do que fazer, especialmente quando se atenta para as configurações sociais que a reestruturação do trabalho tem gerado. Diante disso, é necessário atentar para o fato de que, atualmente, a precarização do trabalho tem reformulado a concepção de ser jovem. Ou seja, à medida que se fala em precarização do trabalho, é preciso observar também que há de se falar em precarização das situações de vida da juventude.

A precarização das situações de vida da juventude tem por condicionante três dimensões importantes. A primeira é fruto da ambivalência que o mundo contemporâneo transmite, cuja maneira de se expressar, entre outras, ocorre pelo sentimento de incerteza e intranquilidade que influenciam o processo decisório de todos os indivíduos modernos, especialmente os jovens. Para a segunda, a precarização também advém da incerteza que a própria faixa-etária ou ciclo de vida

proporciona. E por último, a própria convivência e relacionamento com formas precárias de trabalho promovem ainda mais a precarização da situação de vida da juventude. Assim sendo, as juventudes enfrentam formas de vida que tendem a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna; vidas precárias em ambientes precários, vividas em condições de incerteza constante.

Essa precarização do trabalho que, consequentemente, tem precarizado as situações de vida da juventude, tem sido tolerada pelos focos de incertezas enfrentadas pelos jovens trabalhadores. As teorias acerca do mundo contemporâneo, do indivíduo jovem que se encontra em uma fase peculiar da vida e do jovem trabalhador no mercado de trabalho, mostram que um elemento semelhante domina esses três campos de estudos científicos: trata-se de áreas específicas da vida social que fomentam incertezas e geram um estado psicossocial de intranquilidade. Colocando-se o próprio ser em dúvida, o jovem, muitas vezes, despido de seu poder de crítica e juízo, atura a precarização do trabalho. Ou seja, esse sistema contribui para a eficácia da relação entre trabalho profissionalizante precário e trabalhador jovem e flexível.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. Número 5 e 6, 1997.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____.. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Ed., 2001.

_____.. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *The individualized society*. Polity Press, 2001.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____.. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECK, Ulrich. *The brave new world of work*. Frankfurt/New York: Polity Press, 2000.

BEST, Steven; KELLNER, Douglas. *The postmodern turn*. New York/London: The Guilford Press, 1997.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1969.

LYON, David. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.

MARTINS, Heloísa H. O jovem no mercado de trabalho. *Tempo Social*, Número 5 e 6, 1997, p. 96-109.

_____. O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador. *Tempo Social*, v. 13, n. 2, 2001, p. 61-87.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Tempo Social*, Número 5 e 6, 1997, p.. 5-14.

OJALA, Raisa. *Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal*. Brasília, Tese

(Doutorado), Universidade de Brasília, 2008.
PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, v. 173, n. 2, 2005, p. 109-140.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Tempo Social*, Número 5 e 6, 1997, p. 15-23.

POCHMANN, Marcio. *A batalha pelo primeiro emprego*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____.. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SIMMEL, Georg. "The Metropolis and Mental Life." In: *On individuality and social forms*. Chicago and London – The University of Chicago Press, 1977.

ZANETI, Hermes. *Juventude e revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.